

RICORDI DI FAMIGLIA: A MEMÓRIA FAMILIAR NA ESCRITA DOS MERCADORES FLORENTINOS DO TRE-QUATTROCENTO

RICORDI DI FAMIGLIA: THE FAMILIAR MEMORY IN THE WRITING OF THE FLORENTINE MERCHANTS OF THE TRE-QUATTROCENTO

Maria Verónica Perez Fallabrino¹

RESUMO: Os diários familiares escritos por mercadores florentinos do *Tre-Quattrocento*, chamados *Ricordi* ou *Ricordanze*, são uma documentação muito rica para o estudo dessa sociedade. Não somente por se tratar de uma tradição amplamente difundida ou pela diversidade de informações registradas – acontecimentos familiares, impressões pessoais, sentimentos, negócios e assuntos da vida pública –, mas também pela intenção desses mercadores de reconstruir a memória familiar e pela consciência que tinham da importância que o passado familiar exercia para o homem. Esses diários apresentam anotações precisas, de caráter informativo e de natureza prática, apelam à invocação religiosa e refletem a individualidade de cada mercador na forma e conteúdo dos registros. O artigo centra-se no estudo dessa documentação com a finalidade não só de ressaltar a sua importância, mas de considerar o desenvolvimento dessa prática, a intenção desses registros, as características da escrita e as particularidades de alguns desses mercadores escritores.

Palavras-Chave: Memórias familiares; mercadores; Florença renascentista.

ABSTRACT: This The family diaries wrote by the Florentine merchants of the *Tre-Quattrocento*, called *Ricordi* or *Ricordanze*, are a very rich documentation for the study of this society. Not only for being a widely spread tradition or for the diversity of the information registered – family events, personal impressions, feelings, business, and subjects of public life –, but also for the intention of these merchants in reconstructing family memories and the consciousness they had of the importance that the family's past had for men. These documents present precise notes of informative character and practical nature, appeal to religious invocation and reflect the individuality of each merchant in the form and content of the registers. The article focuses on the study of this documentation aiming not only to exalt their relevance, but also to consider the development of this practice, the intention of this records, the characteristics of the writing, and the singularities of some of these merchant writers.

Keywords: Family memories; merchants; Renaissance Florence.

No entardecer do século XIV o registro de acontecimentos familiares tornou-se uma prática comum entre os membros da sociedade mercantil florentina. Ao longo

¹ Doutoranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CNPq. E-mail: laveronica@uol.com.br

do *Quattrocento*, essa prática difundiu-se amplamente e muitos mercadores dedicaram momentos de sua intimidade à tarefa de narrar detalhes da vida familiar em seus diários pessoais. Esses registros eram geralmente denominados pelos seus donos *Ricordi* ou *Ricordanze*, mas alguns os chamaram *libro segreto* ou *libro de...*, e constituem uma tradição literária muito rica, que os historiadores Angelo Cicchetti e Raul Mordenti (1985) enquadraram no gênero que denominam “livros de família”.

Trata-se de uma documentação pouco conhecida no Brasil, o que motivou a escrita deste artigo. O contato com ela iniciou-se alguns anos atrás, a partir do interesse pelo matrimônio na Florença do *Quattrocento*, tema de pesquisa do meu mestrado, para a qual os “livros de família” ofereceram muitas informações relevantes. Atualmente, eles são base documental da pesquisa de doutorado, cujo objeto de estudo é a maternidade nas famílias de mercadores e banqueiros florentinos. Mas, a natureza de informações que estes documentos oferecem à investigação histórica, como veremos ao longo do texto, é muito rica e diversa.

RICORDI OU RICORDANZE: O DESENVOLVIMENTO DA TRADIÇÃO DA ESCRITA FAMILIAR

De acordo com Vittore Branca (1999), a prática de redigir os *Ricordi* ou *Ricordanze* teria suas origens no século XIII, na forma de pequenas anotações pessoais que os mercadores realizavam nas margens dos livros de contabilidade de suas companhias de negócios. No início, tratava-se fundamentalmente de assuntos de importância para a economia familiar, como compra de terras, arrendamentos, contratos com meeiros, divisão de patrimônio, dote entregue às filhas no casamento e pagamento de impostos, dentre outros. Com o transcurso do tempo, essas anotações foram sendo mais habituais e vinculadas não só a assuntos econômicos, mas também a acontecimentos relevantes da vida familiar; assim, registravam-se nascimentos, batizados, casamentos, mortes, testamentos, participação em cargos políticos e outros eventos de importância.

A tradição de redigir esses “livros de família” não era exclusiva de Florença, os havia nas cidades toscanas de Arezzo, Siena e Lucca, assim como em Veneza, Gênova e outras cidades italianas de tradição mercantil. Porém, o que torna os *Ricordi* florentinos algo tão particular é o grande número produzido por essa sociedade – Gene Brucker (1991) menciona mais de cem exemplares de famílias florentinas que sobreviveram ao tempo, em contraste com os pouquíssimos que restaram de cidades como Gênova e Veneza. De acordo com Paolo Cammarosano (1991), esse fato não se deve ao poder econômico florentino nem, muito menos, a um descaso da tradição dos arquivos das outras cidades, mas a um fato puramente cultural: a familiaridade que os toscanos e principalmente os florentinos da época tinham com a escrita. Nesse particular, Fulvio Pezzarossa explica que: “a diferença primária da civilização florentina com respeito a suas homogêneas de outras cidades italianas é principalmente no grau, na difusão e no domínio da escrita por parte de um amplo espectro de

grupos e categorias” (1988 apud RICCI, 2005, p. 11, n. 8, tradução minha²).³ “Parece”, escreve Giovanni Ciapelli,

[...] Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Por isso, a história se assemelha ao teatro, onde os atores, agentes da história, só podem criar à condição de se identificarem com figuras do passado, de representarem papéis, de vestirem máscaras, elaboradas permanentemente (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 27).⁴

Na escrita dos *Ricordi*, os acontecimentos familiares eram registrados de forma breve, mas detalhada. O mercador Goro Dati, por exemplo, fez um relato apurado dos filhos nascidos de sua segunda esposa Isabetta (Betta) Villanuzi – da primeira esposa, Bandeccha Berardi, Dati não teve filhos, segundo o seu relato ela faleceu por consequência de um aborto espontâneo na primeira gravidez:

No dia 17 de maio de 1394, domingo de manhã, a Betta deu à luz uma menina, a quem demos o nome de Bandeccha [...]. Foram padrinhos Goro d’Andrea, Niccholaio di Bartolomeo Nicoli e Berardo di Bonacorso.

No dia 17 de março de 1396, numa sexta-feira à noite, por volta das duas horas da noite, o nosso Senhor deu-nos o segundo fruto e primogênito filho homem, a quem demos o nome de Stagio. E o batizou por amor de Deus no domingo de manhã frade Simone / Bartoli de’ Remitani, Nardo di Lippo, meu sócio, e Sandro di Jacopo.

No dia 12 de março de 1397, segunda-feira à noite, as duas horas da noite, a Betta deu à luz o nosso terceiro filho, e foi menina; e lhe demos o nome da mãe da Betta, ou seja, Veronicha e Gostanza. E a batizou Sandro di Jacopo por amor de Deus.

No dia 27 de abril de 1398, sábado ao meio-dia, a Betta deu à luz o quarto filho, e foi menino. E nesse dia foi batizado por amor de Deus por monna Agnola del Ciri e monna Francesca d’Aldobrandino; e teve por nome Bernardo e Agostino (2006, p. 107).⁵

2 No decorrer do texto todas as traduções de citações em língua estrangeira são nossas.

3 “Il differenziale” primario della civiltà fiorentina rispetto a quelle omogenee delle restanti città italiane, è proprio nel grado, nella diffusione, nel dominio della scrittura da parte di uno spettro amplissimo di ceti e categorie».

4 “A dì 17 di maggio 1394 in domenicha mattina partorì la Betta una fanciulla, a chui ponemmo nome Bandeccha [...]. Compari furon Goro d’Andrea, Niccholaio di Bartolomeo Nicoli, e Berardo di Bonacorso. A dì 17 di marzo 1395 in venerdì sera presso a ij ore di notte ci prestò nostro Signore il secondo frutto e primogenito figliulo maschio, a chui ponemmo nome Stagio. E batezollo per amor di Dio la domenicha mattina frate Simone / Bartoli de’ Remitani, Nardo di Lippo mio compagno, e Sandro di Jacopo. A dì 12 di marzo 1396 lunedì sera a ij ore di notte partorì la Betta il terzo nostro figliuolo, e fu femmina; e ponemole nome per la madre della Betta, cioè Veronicha, e Gostanza. E batezolla Sandro di Jacopo per amor di Dio. A dì 27 d’aprile 1398 sabato a 1/1 di partorì la Betta il quarto figliuolo, e fu maschio. E detto di fu batezato per amor di Dio per monna Agnola del Ciri e monna Francesca d’Aldobrandino; e ebe nome Bernardo e Agostino”.

5 “A dì 17 di maggio 1394 in domenicha mattina partorì la Betta una fanciulla, a chui ponemmo nome Bandeccha [...]. Compari furon Goro d’Andrea, Niccholaio di Bartolomeo Nicoli, e Berardo di Bonacorso. A dì 17 di marzo 1395 in venerdì sera presso a ij ore di notte ci prestò nostro Signore il secondo frutto e primogenito figliulo maschio, a chui ponemmo nome Stagio. E batezollo per amor di Dio la domenicha mattina frate Simone / Bartoli de’ Remitani, Nardo di Lippo mio compagno, e Sandro di Jacopo. A dì 12 di marzo 1396 lunedì sera a ij ore di notte partorì la Betta il terzo nostro figliuolo, e fu femmina; e ponemole nome per la madre della Betta, cioè Veronicha, e Gostanza. E batezolla Sandro di Jacopo per amor di Dio. A dì 27 d’aprile 1398 sabato a 1/1 di partorì la Betta il quarto figliuolo, e fu maschio. E detto di fu batezato per amor di Dio per monna Agnola del Ciri e monna Francesca d’Aldobrandino; e ebe nome Bernardo e Agostino”.

O nascimento dos filhos de Dati continuaram em 1399, 1400, 1401 e 1402, com anotações igualmente minuciosas, constando não só o dia, mas a hora aproximada dos nascimentos e os padrinhos de batizado de cada criança. Com a morte da esposa, ocorrida semanas após o nascimento do último filho, em 1402, Dati fechou o registro dos filhos nascidos de Isabetta na forma de um balanço de contas, fazendo jus ao seu ofício de mercador: “Nasceram da Betta e de mim 8 (filhos), isto é, 5 meninos e 3 meninas” (2006, p. 109).⁶

Muito similares em informação são os registros de Francesco Castellani e Ugolino Martelli sobre o nascimento dos filhos. O primeiro, casado com Lena Alamanni, registrou: “Lembro que, em nome do onipotente Deus, nosso senhor Jesus Cristo, no dia 12 de janeiro, sexta-feira, às 11:30 horas, minha esposa Lena deu à luz um filho homem, e por graça de Deus ela está sã e salva, muito bem, ela e o filho” (1992, p. 171).⁷ Já Martelli, casado com Betta Serragli, escreveu:

Lembro como neste dia dez de junho de 1440, com o nome de Deus e da boa ventura, nasceu da minha esposa Betta um filho homem, às 22 horas desse dia, isto é, na sexta-feira, o qual fiz batizar no domingo de manhã em San Giovanni. E foi meu compadre messer Michele, prior de San Ghallo, e ser Zanobi, padre em Rovezano, e Iachopo di Ciato da Liziano; e comadre foi madonna Lena, esposa de messer Bartolomeo Orlandini. Ao qual filho dei por nome Charlo e Martello (1989, p. 188).⁸

Com esse mesmo detalhe registravam-se também os casamentos da família, fazendo-se clara diferença de cada uma das etapas que faziam parte do processo matrimonial. O casamento florentino era realizado na forma de um acordo entre famílias, validado por um notário e realizado em três etapas diferentes: o acordo de matrimônio propriamente dito, quando as famílias comprometiam os filhos ao casamento; a celebração do matrimônio, quando os noivos davam o seu consentimento frente ao notário e o noivo entregava o anel à noiva; e a festa de casamento, quando a noiva, acompanhada por um cortejo, era transferida da casa paterna para a casa da família do esposo (PEREZ FALLABRINO, 2016). Matteo di Niccolò Corsini, ao registrar o casamento da filha Francescha, mencionou também os notários que oficiaram tanto o acordo entre as famílias quanto o matrimônio:

Lembrança que no dia 2 de março de 1400,⁹ comprometo a Francescha minha filha em matrimônio com Lucha do mestre Nicolò de’Falcucci e devo lhe dar pelo seu dote 700 florins de ouro [...]. Documento por mão de Ser Antonio di Ser Chello.

6 “Sono nati dela Betta e di me 8, cioè 5 maschi e 3 femine”.

7 “Ricordo che in nome dell’omnipotente Dio, nostro signore Iesu Christo, a dì 12 di gennaio in venerdì, a ore xi ½, partorì la Lena mia donna un figlolo maschio, e per gratia di Dio resta sana e salva, benissimo lei e ‘l figlolo”.

8 “Richordo chome questo dì x di gungno 1440, chol nome di Dio e di buona ventura, mi nacque della Betta mia donna um fanciullo maschio, a ore xxij del detto dì, cioè venerdì; il quale fe’battizare la domenicha mattina in San Giovanni. E ffu mio chonpare messer Michele priore di San Ghallo, e ser Zanobi prete a Rovezano, e Iachopo di Ciato da Lizano; e chomare fu madonna Lena, donna di messer Bartolomeo Orlandini. Al qual figluolo puosi nome Charlo e Martello”.

9 Com relação à data mencionada, deve-se considerar que, na Florença da época, o ano novo tinha início no dia 25 de março, dia da festa da Anunciação da Virgem Maria. Portanto, de acordo com nosso calendário, a data mencionada por Corsini seria 2 de março de 1401.

E, em seguida, dia 24 de abril de 1401, dito Lucha lhe deu o anel de matrimônio. Documento por mão de Ser Nicolaio d'Alinari.

Enviamo-la ao marido, ao dito Lucha, no dia 9 de maio de 1401, muito honoravelmente, e fizeram grande festa de casamento, conforme necessário, e foi no domingo, o dia de São Miguel Arcanjo (PETRUCCI, 1965, p. 81).¹⁰

Assim como Corsini, o já mencionado Ugolino Martelli registrou os diferentes momentos de seu casamento com Betta Serragli:

Lembro como, neste dia 19 de junho, em nome de Deus e da boa fortuna, tomei por minha mulher a Betta, filha de Francesco di Vanozzo Serragli, e em dito dia, na igreja de Santa Maria sopra Porta, aceitei-a em compromisso [...].

Depois, no dia 6 de setembro de 1434, sábado de manhã, ouvimos juntos a missa da união na igreja de San Friano; e retornando à casa de Francesco Serragli, seu pai, dei-lhe o anel.

Depois, no dia 8 de setembro do dito ano, uma segunda-feira [...] mandei por ela ao nosso Francesco Martelli com outros jovens a cavalo, e a conduziram ao nosso lugar de San Ciervagio (1989, pp. 98-99).¹¹

Ainda, sobre os casamentos, alguns anotavam em detalhe o luxo dos banquetes oferecidos pela família. Giovanni Rucellai deixou o seguinte registro da festa celebrada por ocasião do matrimônio de seu filho Bernardo:

Memória que no dia 8 de junho de 1466 fizemos a festa de casamento de Bernardo, meu filho, e da Nannina, filha de Piero di Cosimo de Medici [...]. A festa se fez fora da casa em um palco alto [...] que ocupava toda a pracinha em frente da nossa casa, e a *loggia* e a rua della Vigna até o alto da nossa casa, representado a modo de triângulo com belíssima decoração de tapeçarias penduradas e pinturas, e com um teto por cima, para proteger do sol, de pano azul, com todo o dito teto adornado com guirlandas, cobertos com vegetação e com rosas no centro das guirlandas, com festões de vegetação ao redor, com escudos, a metade com a arma dos Medici e a metade com a arma dos Rucellai [...]. E embaixo desse palco se dançava e festejava e se colocava para almoçar e para jantar. [...] A cozinha se fez na rua atrás da nossa casa [...] onde operavam entre cozinheiros e lavadores de louça, 50 pessoas (1960, p. 28).¹²

10 “Ricordanza que a dì ij di marzo MCCCC, choprometo la Francescha mia figliuola a matrimonio a Lucha del maestro N0a di noze, come bisognò, e fue i domenicha, il dì di santo michele archangiolo”.

11 Richordanza chome questo dì xviii di gungno, chol nome di Dio e di buona ventura, tolsi per mia donna la Betta figliuola di Francesco di Vanozzo Serragli, e in detto dì, nella chiesa di Santa Maria sopra Porta la impalmai [...] Di poi a dì vi di settenbre 1434, i sabato mattina, udinno insiema la messa del chongunto nella chiesa di San Friano; e tornati a casa di Francesco Serragli suo padre, le diedi l'anello. Di poi a dì viii di settenbre anno detto, in lunedì [...] manadai per lei Francesco Martelli nostro chon più Giovani a chavallo, e chondussola al luogho nostros di San Ciervagio”.

12 “Memoria que a dì VIII di giugno 1466 facemo la festa delle nozze di Bernardo mio figliulo e della Nannina figliuola di Piero di Cosimo de Medici [...]. La quale festa si fece fuori di casa in su uno palchetto alto [...] che teneva tutta la piazzuola ch'è dirimpetto alla casa nostra e la loggia e la via della Vigna per fino alla cima della casa nostra, rittrato a modo di triangolo con bellissimo aparato di panni d'arazzi pancali e spalliera, e con un cielo di sopra per difesa del sole di panni turchini, con essi adornato per tutto il detto cielo con ghirlande, coperto di verzura e con rose nel mezzo delle ghirlande, con festoni di verzura dattorno, con scudi la metà coll'arme de' Medici e la metà coll'arme de'Rucellai [...]. In sul detto palchetto si danzava e festeggiava e apparecchiava pe'desinari e per le cene. [...] La cucina si fece nella via dirieto alla casa nostra [...] dove s'ao peravano fra cuoghi e sguatteri persone 50”.

No caso das mortes, os registros costumavam ser breves e mencionavam, fundamentalmente, o parente falecido, às vezes anotava-se a sua idade, e a data da morte. Lapo Niccolini dizia: “Foi desejo de Nosso Senhor Deus chamar junto dele a abençoada alma de monna Bartolomea, nossa mãe [...]. E isso foi um sábado à noite, às dez horas, no dia 26 de dezembro de 1416” (1969, p. 134).¹³ Em algumas ocasiões, fazia-se referência também ao local de sepultamento. Após a morte de Cosimo de Medici, seu neto Lorenzo escreveu:

Cosimo, nosso avô, homem muito sábio, morreu em Careggi no dia primeiro de agosto de 1464, com aproximadamente 76 anos de idade, muito abatido pela velhice e pela gota, com grandíssima dor não só de nós e de toda a cidade, mas de toda Itália, porque foi um homem famosíssimo e ornado de muitas e singulares virtudes [...]. Foi sepultado em São Lorenzo; não quis fazer testamento nem quis pompa em seu funeral, não obstante, todos os senhores de Itália mandaram honrá-lo e prestaram condolências pela sua morte (In: SOLERTI, 1903, pp. 183-184).¹⁴

Igualmente, havia ocasiões em que a escrita deixava transparecer o sentimento dos mercadores pela perda do ente querido, como foi o caso de Giovanni Rucellai ao registrar a morte de sua esposa Iachopa di Palla Strozzi: “passou desta vida no dia 24 de abril de 1468, o que foi a maior perda que eu já tive ou poderia ter” (1960, p. 119);¹⁵ ou como fez Goro Dati, que ao perder a sua primeira esposa, Bandeccha Berardi, escreveu: “partiu ao paraíso a minha amada esposa Bandeccha [...] no dia 15 de julho de 1390, sexta-feira às 22 horas”. Na ocasião da morte de sua segunda esposa, Isabetta (Betta) Villanuzi, Dati foi menos expressivo, registrou apenas o acontecimento sem manifestar sua afeição: “Foi desejo de Deus nosso Senhor chamar a seu lado a abençoada alma de Isabetta [...] no dia 2 de outubro, segunda-feira à noite, às 4 ou 5 horas da noite” (2006, p. 103 e p. 106).¹⁶

Além dos acontecimentos mencionados, registrava-se também o envio dos filhos às amas-de-leite; as parteiras contratadas para atender o parto das esposas; os presentes recebidos pelas esposas para celebrar a recente maternidade; a encomenda de roupas ou utensílios domésticos; a compra de móveis para o casamento dos filhos e diversos outros assuntos. Mas, qual era o significado desses registros? Por que e para que se escrevia? E o que levou à ampla difusão que essa forma de escrita teve na Florença da época?

Antes de tudo, é preciso mencionar que a escrita apurada dos assuntos de negócios, que se considera a base dos livros de família, era recomendada e incentivada na sociedade

13 “Fu piacere di nostro Signore Idio chiamare a ssé la benedetta anima di monna Bartolomea, nostra madre [...]. E questo fu un sabato notte a ore dieci a dì xxvj di dicembre 1416”.

14 “Cosimo nostro avolo, uomo sapientissimo, morì a Careggi a dì primo d'agosto MCDLXIV d'età d'anni 76 in circa, molto lacerato dalla vecchiezza e dalla gotta, con grandissimo dolore non solo di noi e di tutta la città, ma generalmente di tutta Italia, perchè fu uomo famosissimo et ornato di molte singolari virtù [...]. Fu seppellito in San Lorenzo; non volle far testamento, né volle pompa funebre; nondimeno tutti i signori d'Italia mandarono ad onorarlo, et a condolarsi della sua morte”.

15 “passò di questa vita a dì 24 d'aprile 1468, la qual chosa riputai mi fusse la maggior perdita che mai abbi avuto o potessi avere”.

16 “Andossene a paradiso la mia diletta sposa Bandeccha [...] a dì xv di luglo 1390, venerdì alle xxij hore”. “Piaque a nostro Signore Idio chiamare a sé la benedetta anima della Isabetta [...] a dì ij d'ottobre lunedì sera alle 4 in 5 ore di notte”.

mercantil. O humanista Leon Battista Alberti aconselhava: “sempre ter as mãos sujas de tinta [...] sempre escrever cada cosa, cada contrato, cada entrada e saída fora da loja” (1972, p. 251)¹⁷. Um século antes dele, o escritor Dino Compagni também pedia “escrever bem e não errar nas contas” (In: CORSI, 1969, p. 636).¹⁸ Escrevia-se para não esquecer dívidas ou pagamentos ou fazer confusão na contabilidade das atividades da família. No que diz respeito aos acontecimentos propriamente familiares, também eram anotados para serem lembrados, mas por outros motivos.

Primeiramente, devemos considerar que as informações familiares tinham uma importância fundamental nos assuntos político-econômicos da vida pública. Como explica Branca: “o estabelecimento do *Catasto* florentino ou declaração de impostos, em 1427, [...] e o número crescente de *prestanze* devido às contínuas guerras, fizeram necessário manter contas precisas para assuntos financeiros e familiares” (1999, p. xiv).¹⁹ Fundamentalmente, porque o *Catasto* era uma declaração fiscal que evidenciava não só a riqueza, mas a composição das famílias toscanas. Devia-se declarar não apenas o patrimônio, mas a idade e estado civil de todas as pessoas a expensas do declarante, o que tornou de grande ajuda o registro detalhado dos nascimentos, casamentos e mortes ocorridos na família, além, é claro, das informações sobre o pagamento de impostos, compra e venda de bens, arrendamento de terras, construção de casas, pagamento de dotes, associações comerciais, divisão de patrimônio, testamentos, e tudo aquilo vinculado à riqueza familiar. Por sua parte, as *prestanze* eram empréstimos que os florentinos deviam fazer ao governo em épocas de crise e seu valor era estimado a partir do patrimônio das famílias. Por esse motivo, anotar informações como dotes entregues ou recebidos por casamento, bens recebidos como herança, aquisição ou venda de terras ou imóveis por algum membro da casa e outros assuntos referentes à economia familiar era relevante.

Fruto de uma sociedade mercantil, os livros de família ofereciam um minucioso detalhe de datas e até de horas dos acontecimentos domésticos, como se pode observar nos exemplos citados. Nesse particular, Raul Mordenti explica que, “a base cultural e mesmo antropológica dessas escrituras reside obviamente na habilidade burguesa e mercantil para escrever e se inscrever no tempo” (2004, p. 785)²⁰. Uma vez que o tempo era a base fundamental da atividade dos mercadores, a sua realidade cotidiana, eles registravam os eventos familiares na forma que conheciam, assim como faziam com as entradas e saídas de seus negócios, ressaltando o dia, mês e ano de cada acontecimento e ordenando-os de forma cronológica – como se pode observar na sequência em que Goro Dati registrou o nascimento de seus filhos e Niccolò Corsini e Ugolino Martelli anotaram cada etapa do casamento, o primeiro o da filha, o segundo o próprio.

17 “Sempre avere le mani tinte d’inchiostro [...] sempre scrivere ogni cosa, ogni contratto, ogni entrata e uscita fuori di bottega”.

18 “Escriver bello e ragion non errare”.

19 “The establishment of the Florentine catasto or tax assessment in 1427, [...] and the increasing number of *prestanze* due to continual wars, made it necessary to keep precise accounts of both financial and family matters”.

20 “La base culturelle, et même anthropologique, de ces écritures reside de toute évidence dans l’ aptitude bourgeoise et marchande à écrire et à s’ inscrire dans le temps”.

Além de propósitos fiscais, por trás da escrita dos *Ricordi* havia – e eis o que torna essa documentação ainda mais interessante – um grande interesse pela família e pela sobrevivência da memória familiar. “Considerando que todo homem é mortal”, dizia Donato Velluti, escrevo para “a perpetua memória dos meus descendentes, e dos outros de casa Velluti, e de qualquer outra pessoa” (1914, p. 3).²¹ Assim, narrar eventos da vida familiar era uma forma de deixar um rastro para as futuras gerações e de perpetuar a existência da família no tempo. Nas palavras de Velluti vemos isso de forma muito clara; ele é consciente da importância que tem para o conhecimento daqueles que virão deixar um legado de quem eles foram, com quem eles casaram, os filhos que tiveram e as atividades que desempenharam. Escrevia-se não só para si, mas para os filhos, os netos, os bisnetos e assim por diante.

Nesse sentido, Cicchetti e Mordenti afirmam que, embora esses “livros de família” fossem redigidos por um único sujeito e, às vezes, denominados *libro segreto*, isso não significava que eram diários pessoais “no sentido moderno e burguês do termo”, tratava-se de uma escrita pensada para “um único sujeito coletivo, a própria família” (1985, p. 18)²². Eram, fundamentalmente, anotações feitas pelo chefe da família, com questões sobre a família e para a família. Portanto, mesmo sendo uma escrita considerada íntima e restrita unicamente aos membros da casa, ela não observava o caráter de intimidade e sensibilidade que caracterizou os diários do século XIX.

Ainda, vale dizer que, a continuidade desses registros familiares não se limitava apenas à vida do narrador, era uma prática “plurigeracional”, aquele que escrevia o livro familiar previa “outras gerações que deviam lhe suceder na escrita e que leriam o livro no futuro” (CICCHETTI; MORDENTI, 1985, p. 18)²³. Em muitas famílias, os *Ricordi* foram continuados por várias gerações, como foi o caso dos Medici, Castellani e Corsini, entre outros.

No entanto, não eram somente acontecimentos do presente de quem escrevia o que se registrava nos *Ricordi*. Escrevia-se também o passado familiar, quem foram os ancestrais, o local de origem da família, as atividades familiares e a antiguidade do nome. Na introdução da maioria dos livros de família essa intenção é manifestada por quem escreve: “Comecei a escrever este livro para fazer memória daquilo que eu pude achar e escutar da nossa antiga progênie”, dizia Buonaccorso Pitti em 1412 (1905, p. 7).²⁴ Giovanni Morelli expressava esse mesmo anelo, ressaltando também a importância de registrar a história familiar para as gerações futuras: “porque neste livro não foi escrito antes coisa alguma, deu-me vontade, isto é, a mim, Giovanni di Pagolo di Bartolomeo di Morelli [...] escrever da nossa nação e condição antiga [...] para passar o tempo e que os nossos, alguma coisa saibam” (1956,

21 “Considerando que ogni uomo è mortale”; “a perpetua memoria de’ miei discendenti, e degli altri di casa Velluti, e d’ogni altra persona”.

22 “nel senso moderno e borghese del termine”; “un solo soggetto coletivo, a famiglia appunto”.

23 “plurigerazionale”; “altre generazioni che le dovranno succedere nella scrittura, e che le leggeranno il libro nel futuro”.

24 “Cominciai a scrivere in su questo libro, per fare memoria di quello, ch’io o potuto trovare, e sentire di nostra anticha progenia”.

p. 81).²⁵ Justificando esse propósito de resgatar a história familiar, Velluti explica na sua escrita que conhecer o passado dos seus era uma necessidade comum aos homens:

É coisa que o homem deseja saber da sua nação e de seus antepassados, e como foram os *parentadi*,²⁶ os bens adquiridos [...]; portanto, eu, Donato [...] pensei em fazer lembrança e memória daquilo que em torno desse assunto tenho ouvido do meu pai e daqueles que são mais velhos do que eu, ou que vi em cartas, livros e outros escritos, se bem que poucos, ou vi ou conheci por mim mesmo (1914, p. 3).²⁷

Além de ressaltar o anelo dos homens por reconstruir a história de seus antepassados, Velluti nos mostra a forma como essa reconstrução era feita. Era uma tarefa de pesquisa, de coleta de informações e de reunir fragmentos do passado a partir de diversas fontes, isto é: das próprias memórias de quem escrevia, lembranças de vivências ou de relatos de pais, avós e outros parentes; de perguntas feitas aos mais velhos da casa, que tinham um maior conhecimento da história familiar, muitas vezes, um conhecimento produto da memória oral transmitida e conservada na família; e da leitura das cartas trocadas pelos antepassados e dos *Ricordi* que eles haviam deixado. Não obstante, vale considerar que nem todos os florentinos podiam recuperar tão facilmente a história da própria família. Buonaccorso Pitti, por exemplo, mencionava:

Se eu não acho nem escrevo da nossa antiga origem é porque os nossos escritos antigos caíram nas mãos de um (parente) que teve por nome Ciore [...], que ao morrer fez testamento e deixou tudo à sua filha [...] nós fomos até essa filha [...] e lhe pedimos para ter os livros e as cartas e escritos que Ciore tinha da nossa antiguidade. Ela respondeu que não sabia deles, mas que tinha visto Ciore, muitas vezes, vender grande quantidade de livros, e que, pouco antes da sua morte, tinha visto ele queimar muitas cartas e escritos (1905, pp. 7-8).²⁸

Reconstruir, embora brevemente, a história dos antepassados era muito importante numa sociedade na qual, conforme Lauro Martines (2011), o prestígio familiar estava atrelado não só à riqueza e à hierarquia política, mas à antiguidade do nome. Giovanni Morelli relatava com orgulho a história de seus ascendentes: “nossos ancestrais vieram morar na cidade de Florença já faz 300 anos ou mais [...]. Antigamente [...], já faz quinhentos anos ou mais, tiveram a sua origem e princípio [...] no belo país do Mugello, na

25 “Perché in questo libro non è scritto per innanzi alcuna cosa, m'è venuto voglia, cioè a me Giovanni di Pagolo di Bartolomeo di Morelli [...] iscrivere di nostra nazione e condizione antica [...] per passare tempo e che i nostri alcuna cosa ne sappino”.

26 Parentado era o parentesco estabelecido através do casamento.

27 “Com ciò sia cosa che l'uomo desidera di sapere di sua nazione, e de' suoi passati, e come i parentadi sono stati, e' beni aquisati [...]; impertanto io Donato [...] pensai di fare ricordanza e memoria di ciò che intorno a la detta materia ò udito da mio padre e que' che sono stati più antichi di me, e ò veduto per carte libri o altre scritture, avvegnadio che poche, o ò veduto o conosciuto da me”.

28 “E se io non ritruovo né scrivo il fondamento nostro antico, la cagione è stata che le scritture nostre antiche essendo di grado in grado pervenute nelle mani d' uno ch' ebbe nome Ciore [...] che quando venne a morte fecie testamento e lasciò tutto il suo a una sua figliuola [...], andamo alla detta sua figliuola [...] e domandamola che volavamo avere i libri e le charte e scritture che Ciore avea di nostre antichità. Rispose che niuna ne sapea, ma che avea veduto più e più volte che Ciore avea venduti libri e gran quantità; e che poco dinnanzi a la sua morte avea veduto ch' egli avea arse assai carte e scritture”.

freguesia de San Cresci, no povoado de Santo Martino a Valcava” (1956, p. 87).²⁹ Se por um lado Morelli reconstruiu a sua história a partir do lugar de origem dos antepassados, por outro, Lapo Niccolini de’ Sirigatti o fez a partir do antecessor que ele considerava o ponto de partida da sua genealogia: “A seguir escreverei quem foram os nossos antecessores [...]. E começarei com quem é princípio e origem de nós e do nosso lado:³⁰ que foi Ruzza d’Arigho di Luchese di Bonavia, de’ Sirighatti” (1960, p. 55).³¹

O “fazer memória”, como escrevera Pitti, ou querer saber “quem foram” os antepassados, como almejava Niccolini, era uma forma de definir o grupo familiar, dando coesão a seus membros a partir do senso de pertencimento à família. A reconstrução de informações do passado familiar estabelecia uma referência identitária, não somente para o narrador e sua família, mas também para a futura descendência. Os florentinos se reconheciam como sujeitos na medida em que se sentiam pertencentes a uma dada família e eram reconhecidos socialmente por isso. No desempenho das atividades políticas e econômicas e nas relações com vizinhos, parentes, empregados, parceiros e amigos, a antiguidade, a riqueza e o prestígio do nome familiar contribuía para definir quem se era na sociedade.

A IMPORTÂNCIA DOCUMENTAL E O ESTILO DA ESCRITA

Em linhas gerais, essas “histórias de vida familiar”, como Branca (1999) as denomina, são documentos muito apreciados por historiadores, devido à riqueza de informações registradas, ao grande número de exemplares que sobreviveram e à utilidade como fonte de pesquisa em diversas áreas da história: economia, política, cultura, memória, vida cotidiana, alimentação, arte, gênero, família e infância, entre tantas outras.

Ainda, como sugere Leonardo Fabbri, esses registros são fontes “de grande utilidade, não só pela riqueza de suas informações, mas também pela altíssima confiabilidade da mesma” (1991, p. 11)³² já que, como ressalta Salvino Salvini, “quem escreve para si e de si, não com a intenção de publicar seu escrito, mas para servir de memória e de incitamento àqueles da casa, escreverá coisas reais e sabidas naqueles tempos” (1720, p. xii).³³ É esse caráter privado dos *Ricordi* que confere um alto grau de credibilidade às informações neles registradas, sobretudo às informações do presente de quem escrevia, pois ele não escrevia para a sociedade ler — o que podia leva-lo ao autoelogio, a engrandecer as finanças familiares, os negócios, a aquisição de bens, os valores pagos ou recebidos por dotes, dentre outros —, ele escrevia para o grupo ao qual pertencia, e escrevia também para deixar registro de datas, acontecimentos e valores que seriam utilizados em suas próprias declarações fiscais.

29 “Nostrî antichi venuti ad abitare nella città di Firenze, già sia anni 300 o più [...]. Anticamente [...], già è cinquecento anni o più, ebbono loro ceppo e principi [...] nel bel paese di Mugello, cioè nel pioviero di San Cresci, nel populo di Santo Martino a Valcava”.

30 Refere-se ao ramo da família.

31 “Qui apresso iscriverò chi furono i nostri antecesseri [...] . E chominciomi a chi è principio e origine di noi e del nostro lato: ciò fu i Ruzza d’Arigho di Luchese di Bonavia, de’ Sirighatti.

32 “di grande utilità non solo per la ricchezza delle sue informazione, ma anche per l’altissima affidabilità delle stesse”.

33 “chi scrive per sé e di sé, non per disegno di pubblicare il suo scritto, ma che di memoria serve e d’incitamento a quei di casa, scriverà cose vere e sapute in quei tempi”.

Embora se trate de uma escrita subjetiva, pode-se observar que quem escrevia tinha uma preocupação com a precisão dos fatos narrados, pois o tempo em que os eventos ocorriam, as pessoas envolvidas, os lugares, as quantias em dinheiro, tudo era detalhado.

No que diz respeito às características da escrita, tratava-se de anotações pontuais, atendendo a questões puramente informativas e de natureza prática. A grande maioria do que era registrado ocupava poucas linhas e as anotações seguiam, como já vimos, uma ordem cronológica. Escrevia-se, apenas, aquilo que era relevante: “nasceu, nessa data, com esse nome e com aqueles padrinhos”; “casou, nessa data, com aquela pessoa, com esse dote”; “ocupou, nessa data, aquele cargo político, naquela cidade”; e assim sucessivamente, de acordo com o evento que era registrado.

Cada registro era geralmente encabeçado pela palavra *ricordo* (em português, lembro), *ricordanze* (lembrança), ou simplesmente, *memoria*. “Lembro como hoje, neste dia 2 de abril do ano acima mencionado (1444), comprei de Matteo Manovelli [...] uma casa em Livorno”, escrevia Ugolino Martelli (1989, p. 210)³⁴; Francesco Castellani anotou: “Lembro que, em nome de Deus, no dia 3 de dezembro 1448, fiz cortar a Andrea, alfaiate, um vestido em carmesim escuro e claro para minha esposa Lena” (1992, p. 117)³⁵; e no registro de Lapo Niccolini pode-se ler: “Lembrança e memória que eu Lapo emprestei a Antonio di Bertone Mannelli [...] no dia 26 de maio de 1383, cento e cinquenta florins de ouro” (1969, p. 68).³⁶

Outro ponto a ser ressaltado é a invocação religiosa com que muitos mercadores começavam seus registros. Goro Dati iniciou a sua escrita da seguinte maneira:

Em nome de Deus e da sua mãe Virgem Maria e de todos os santos e santas do paraíso. Começo este livro, no qual em princípio farei uma breve menção de nossos fatos a serem lembrados; e em seguida escreverei os fatos segredos da companhia e da mercadoria que a mim pertencem, ano a ano, invocando sempre primeiro o nome de Deus (2006, p. 95).³⁷

Assim como Dati, Castellani também dedicou as primeiras palavras de seus *Ricordi a Deus*, à Virgem e a toda a corte do Céu:

Em nome de Deus e da sua santíssima Mãe sempre virgem madona Santa Maria e de toda a celestial corte do paraíso, amem. Este caderno é de mim, Francesco Matheo Castellani [...] no qual escreverei minhas lembranças e outros fatos meus como seja necessário, começando em nome de Deus no dia primeiro de setembro de 1436 (1992, p. 63).³⁸

34 “Richordo chome oggi,, questo dì ij d’aprile anno sopradetto, chonperai da Matteo Manovelli [...] una chasa in Livorno”.

35 “Ricordo che in nome di Dio a dì 3 di dicembre 1448 feci tagliare ad Andrea sarto uno vestito d’alto e basso chermisi alla Lena mia donna”.

36 “Richordanza e memoria ch’io Lapo prestei ad Antonio di Bertone Mannelli [...] a dì xxvj di magio 1383, ffo. ciento cinquanta d’oro”

37 “Al nome di Dio e della sua madre vergine Maria e di tutti I santi e le sante di paradiso. Questo libro comincerò, in sul quale nel principio farò brieve menzione di nostri fatti da farne memoria; e poi apresso scriverò i fatti segreti della compagnia e della mercantantia che a me s’apartengono ad anno a anno, invocando sempre prima il nome di Dio”.

38 “In nome di Dio e della sua sanctissima madre sempre vergine madonna Sancta Maria e di tutta la celestiale corte

Vale dizer que, apesar dos pontos em comum mencionados, o caráter dos *Ricordi* dizia respeito à individualidade de cada mercador. Não podemos definir uma forma padrão de se redigir esses livros de família, pois a singularidade na forma de pensar e de sentir de quem escrevia e as experiências pessoais e familiares que cada um vivia tornava a escrita única e diferenciada. Havia os que anotavam informações concisas e os que descreviam os acontecimentos com mais riqueza de detalhes. Assim também, estavam os que traçavam a história da família por várias gerações de antepassados, como Giovanni Morelli, Buonaccorso Pitti, Lorenzo de Medici e Lapo Niccolini, os que não se estendiam além de pais ou avós, como o caso de Goro Dati, e os que, talvez por continuarem os *Ricordi* de algum ascendente, não fazem menção alguma ao passado familiar, a exemplo de Francesco Castellani e Ugolino Martelli.

Ainda sobre o conteúdo dos livros familiares, devemos mencionar que alguns mercadores utilizaram sua escrita para transmitir conselhos e valores aos seus descendentes. Giovanni Morelli foi um deles. Tendo ficado órfão de pai quando era criança, resolveu dedicar parte de seus *Ricordi* ao aconselhamento preventivo de seus filhos. Um dos conselhos que quis deixar-lhes dizia respeito a contrair matrimônio. Com medo de não estar presente quando chegasse a hora deles casarem e consciente da importância social de uma boa aliança matrimonial, escreveu a seguinte recomendação: “Procura contrair parentesco com bons cidadãos, [...] faz com que o teu parente seja mercador, seja rico, seja antigo em Florença, seja Guelfo, esteja no estado, seja amado por todos, seja afetuoso e bom em cada ato” (1956, p. 253 e 264).³⁹ Ao igual que Morelli, Giovanni Rucellai também pretendia orientar os seus com a sua escrita: “este livro foi ordenado e escrito por mim, Giovanni di Pagholo di messere Pagolo Rucellai [...] o qual foi iniciado para dar notícia e instrução a Pandolfo e a Bernardo, meus filhos, de muitas coisas que eu acredito serem úteis” (1960, p. 2).⁴⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora variassem em conteúdo e forma, a intenção principal dos livros de família era comum a todos: deixar testemunho da existência familiar. Nesse anelo, os mercadores florentinos legaram informações que nos aproximam de sujeitos históricos, experiências, pensamentos e sentimentos. Que nos permitem recriar famílias e momentos importantes da vida familiar, da intimidade doméstica, da criação e cuidados dos filhos, da relação com os parentes, das atividades exercidas, da forma como comandavam seus negócios e tantos outros assuntos que possam nos interessar. Além de ser uma documentação muito rica pela diversidade de informações que oferece, ela é rica por relatar momentos da vida de quem a escreve, por trazer até nós o atestado de uma existência.

di Paradiso, amen. Questo quaderno è di me Francesco Matheo Chastellani [...] in sul qual scriverò miei ricordi e altri miei facti come scadrà di bisogno, cominciando in nome di Dio a dì primo di settembre 1436”.

39 “Guarda d’imparentarti con buoni cittadini [...] fa che 'l parente tuo sia mercatante, sia ricco, sia antico a Firenze, sia guelfo, sia nello istato, sia amato da tutti, sia amorevole e buono in ogni atto”.

40 “Questo libro fu ordinato et scripto per me, Giovanni di Pagholo di messere Pagolo Rucellai [...]; il quale ò principiato per dare notitia et amaestramento a Pandolfo et a Bernardo miei figliuoli di più chose, ch’io credo abbia a essere utile”.

REFERÊNCIAS E FONTES

- ALBERTI, Leon Battista. **I libri della Famiglia**. Torino: Einaudi, 1972.
- BRANCA, Vittore. **Merchant writers of the Renaissance: from Boccaccio to Lorenzo de' Medici**. New York: Marsilio Publishers, 1999.
- BRUCKER, Gene. **Two memoirs of Renaissance Florence: the diaries of Buonaccorso Pitti & Gregorio Dati**. Long Grove: Waveland Press, 1991.
- CAMMAROSANO, Paolo. **Italia medievale: struttura e geografia delle fonti scritte**. Roma: Nuova Italia scientifica, 1991.
- CASTELLANI, Francesco di Matteo. *Ricordanze: ricordanze A (1436-1459)*. Florença: Olschki, 1992.
- CIAPPELLI, Giovanni. **Memory, family, and self: Tuscan family books and other European Egodocuments (14.th-18.th Century)**. Boston: Brill, 2014.
- CICCHETTI, Angelo; MORDENTI, Raul. **I libri di famiglia in Italia**. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 1985. v. 2.
- CORSI, Giuseppe. **Rimatori del Trecento**. Turim: Utet, 1969.
- DATI, Goro. I libri di famiglia e il libro segreto di Goro Dati. In: PANDIMIGLIO, Leonida (Org.). Alessandria: Edizione dell'orso, 2006.
- FABBRI, Lorenzo. **Alleanza Matrimoniale e Patriziato nella Firenze del '400: studio sulla famiglia Strozzi**. Firenze: Leo S. Olschki, 1991.
- MARTELLI, Ugolino di Niccolò. **Ricordanze dal 1433 al 1483**. Roma: Edizione di storia e letteratura, 1989.
- MARTINES, Lauro. **The social world of the Florentine Humanists: 1390-1460**. Toronto: University of Toronto Press, 2011.
- MORDENTI, Raul. Les livres de famille en Italie. In: HISTOIRE, SCIENCES SOCIALES. 59.^e Année n. 4, table analytique 1999-2003. **Annales...** pp. 785-804, jul.-aug. 2004.
- MORELLI, Giovanni. **Ricordi**. Florença: Le Monnier, 1956.
- NICCOLINI, Lapo. **Il Libro degli affari proprii di casa: de Lapo di Giovanni Niccolini de' Sirigatti**. Paris: S.E.V.P.E.N., 1969.
- PEREZ FALLABRINO, Maria Verónica. **A celebração do matrimônio na alta sociedade florentina do Quattrocento**. São Paulo: Alameda, 2016.
- PETRUCCI, Armando. **Il libro di ricordanze dei Corsini (1362-1457)**. Roma: Istituto storico italiano per il Medioevo, 1965.
- PITTI, Buonaccorso. **Cronica di Buonaccorso Pitti**. Bologna: Presso Romagnoli Dall'Acqua, 1905.

RICCI, Alessio. **Mercanti scriventi**: sintassi e testualità di alcuni libri di famiglia fiorentini fra Tre e Quattrocento. Roma: Aracne, 2005.

RUCCELLAI, Giovanni. **Giovanni Rucellai ed il suo Zibaldone**: “il Zibaldone quaresimale”. Londres: Warburg Institute, 1960.

SALVINI, Salvino. Prefazione. In: PITTI, Buonaccorso. (Org.). **Cronica di Buonaccorso Pitti**. Florença: Giuseppe Manni, 1720.

SOLERTI, Angelo. **Autobiografie e vite de’ maggiori scrittori italiani fino al secolo decimottavo narrate da contemporanei**. Milão: Albrighi, Segati & C. Editori, 1903.

VELLUTI, Donato. **La cronica domestica di messer Donato Velluti**. Florença: Sansoni, 1914.

Recebido em: 28/9/2017

Aceito em: 27/11/2017